



Mídia alternativa para além da contra-informação¹

Henrique Moreira Mazetti²
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Utilizando-se da base teórica e conceitual, assim como o aprofundado estudo histórico de John Downing (2002), e tendo em mente diversas manifestações contemporâneas de mídia alternativa no Brasil e no exterior, este artigo pretende refletir sobre algumas características da contemporaneidade que estariam impulsionando práticas contestatórias que tomam os meios de comunicação e a cultura midiática como ponto de partida, mas que, ao contrário da maioria das práticas de mídia alternativa “tradicionais”, experimentam modelos diferentes daquele baseado na contra-informação. Mais especificamente, pretende-se aqui articular como o excesso de informação, o processo crescente de espetacularização na sociedade atual, o surgimento de novos meios de comunicação, em especial a Internet, e a emergência de novas sensibilidades em relação aos meios de comunicação e seu papel social afetam a formulação das respostas dadas pelos ativistas de mídia aos veículos de comunicação hegemônicos e a cultura midiática predominante atualmente.

Palavras chaves: Mídia alternativa; contra-informação; ativismo de mídia.

Introdução

As práticas de mídia alternativa são, costumeiramente, entendidas como ações que visam pluralizar as vozes do debate público, ao oferecer temas, ângulos e até mesmo fatos que são obscurecidos, silenciados quando não distorcidos pelos veículos de comunicação hegemônicos, orientados pelo interesse comercial. Assim, as práticas de mídia alternativa são majoritariamente articuladas ao modelo da contra-informação, que tem como função desobstruir o acesso à opinião pública para os mais diferentes grupos sociais, políticos, étnicos, religiosos, de gênero e indicação sexual. Pode-se encontrar o modelo de contra-informação na maioria das manifestações identificadas como de mídia alternativa, como em jornais populares, rádios comunitárias, experiências com vídeo e cinema, *fanzines* e publicações impressas de pequena escala dirigidas e voltadas para grupos subalternos, muitos deles envolvidos em movimentos sociais.

John Downing, em seu volumoso trabalho *Mídia Radical* (2002), identifica as práticas de mídia alternativa – ou como quer o autor, *mídia radical alternativa* – como

¹ Trabalho apresentado ao GT de Mídia Alternativa, do V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciee, São Paulo, 2007.

² Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora, mestrando em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: mazetti@gmail.com



uma constante histórica em contínuo movimento, que se desdobra pelos mais diversos países, em diferentes momentos históricos. Segundo o autor, o modelo de contra-informação, em que a mídia radical toma o papel de “quebrar o silêncio, refutar as mentiras e fornecer as verdades” (Downing, 2002: 49), tem validade principalmente sob regimes opressores e reacionários, que se utilizam fortemente da censura e do controle da informação. Em cenários “menos tensos”, porém, em que a hegemonia capitalista é abastecida principalmente pela autocensura e pelo interesse comercial das mídias convencionais em manter o *status quo*, Downing afirma que,

a mídia radical tem a missão não apenas de fornecer ao público os fatos que lhe são negados, mas também pesquisar novas formas de desenvolver uma perspectiva de questionamento do processo hegemônico e fortalecer o sentimento de confiança do público em seu poder de engendrar mudanças construtivas. (Downing, 2002: 50)

Ainda que os exemplos históricos e estudos de caso aprofundados oferecidos por Downing no mesmo trabalho demonstrem a predominância do modelo de contra-informação na história das práticas de mídia alternativa, sua recusa em aceitar somente esta função para estas manifestações tem uma de suas origens na própria concepção de mídia do autor. Downing entende por mídia radical não só as atividades que utilizam veículos de comunicação tradicionais (rádio, televisão, mídia impressa, vídeo, internet) como também a arte performática, o grafite, o vestuário, as músicas populares, enfim, uma gama de atividades culturais que abrem possibilidade de experimentação e busca de outras formas de comunicação.

Utilizando-se da base teórica e conceitual, assim como o aprofundado estudo histórico de Downing, e tendo em mente diversas manifestações contemporâneas de mídia alternativa no Brasil e no exterior, este artigo pretende refletir sobre algumas características da contemporaneidade que estariam impulsionando práticas contestatórias que tomam os meios de comunicação e a cultura midiática como ponto de partida, mas que, ao contrário da maioria das manifestações de mídia alternativa “tradicionais”, experimentam modelos diferentes daquele baseado essencialmente na contra-informação. Mais especificamente, pretende-se aqui articular como o excesso de informação, o processo crescente de espetacularização na sociedade atual, o surgimento de novos meios de comunicação, em especial a Internet, e a emergência de novas sensibilidades em relação aos meios de comunicação e seu papel social afetam a



formulação das respostas dadas pelos ativistas de mídia aos veículos de comunicação hegemônicos e a cultura midiática predominante atualmente.

O modelo de contra-informação na mídia alternativa

Antes, porém, de nos dedicarmos a estas questões, vale a pena fazermos algumas considerações quanto ao próprio modelo de contra-informação costumeiramente associado às manifestações de mídia alternativa. Podemos começar esta discussão a partir de uma coletânea de artigos organizada por Carlos Eduardo Lins da Silva (1982) como resultado do IV Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, em 1981, com o tema “Comunicação, Hegemonia e Contra-Informação”. Marcados, por um lado pelo então corrente processo de transição do autoritarismo para a democracia no país, e por outro, teórico, pela maior inserção das idéias de Gramsci e um arrefecimento do domínio da visão da Escola de Frankfurt sobre a cultura midiática no cenário acadêmico, os artigos pretendiam esclarecer como a noção gramsciana de hegemonia e as práticas de contra-informação poderiam ser articuladas àquele momento histórico. Ainda que tenham se passado 25 anos, a publicação é uma das poucas da bibliografia de comunicação nacional a contemplar o tema.

O conceito de contra-informação que perpassa os artigos produzidos durante o encontro tem como principal origem o trabalho do pensador italiano Pio Baldelli, que acredita que a função da contra-informação seria a de “garantir a circulação de informações sobre situações de classe, à margem dos canais controlados pelo poder constituído e também utilizando espaços que as contradições da burguesia oferecem no seio desses canais” (Baldelli *apud* Fadul, 1982: 36). Desta forma, Anamaria Fadul (1982) afirma que a contra-informação “significa ao mesmo tempo práticas de comunicação e militância política que resistem à ordem hegemônica e lutam pela instalação de uma nova hegemonia” (1982: 36). Para a autora, o conceito se refere desde às práticas de comunicação clandestinas, fora do circuito “normal” de comunicação, até à criação de meios populares de comunicação.

Já Victor Flusser (1982) busca entender se a contra-informação é um elemento do sistema de comunicação ou se é um elemento em oposição a este sistema. Atento às possibilidades de produção de sentido no ato da recepção, o autor sugere um alargamento da noção de contra-informação então, e ainda hoje, corrente. Ele afirma:



Aparentemente, a contra-informação é considerada como sendo a informação contrária à veiculada por um sistema; ela seria a comunicação da notícia censurada pelo poder. Esta é, porém, visão acadêmica, e inexata. *A contra-informação é a meu entender um novo ato cultural.*³ (Flusser, 1982: 160)

Flusser, ao atribuir o poder de contra-informar aos receptores no processo comunicacional, faz um deslocamento chave (então já em curso por diversos autores que começavam a desbravar o terreno dos Estudos de Recepção e da atividade produtiva que se dá no próprio consumo) para o entendimento das capacidades de atuação política nos meios de comunicação. Porém, sua visão é uma solitária dissidência do consenso entre os autores brasileiros representados na coletânea de Carlos Eduardo Lins da Silva, que colocam a contra-informação no terreno da produção, e a estratégia de tomar os meios de comunicação como a principal ferramenta para tornar os veículos de comunicação politicamente atuantes.

Este posicionamento pode ser mais bem entendido ao entrarmos em contato com as propostas do pensador alemão Hans Magnus Enzensberger. Em “Elementos para uma teoria dos meios de comunicação” (2003 [1970]), o autor busca estabelecer uma teoria de mídia socialista que abrigasse uma estratégia de atuação nos meios de comunicação para a esquerda, uma vez que, para Enzensberger, “a Nova Esquerda dos anos 1960 resumiu a evolução da mídia num único termo: o de manipulação” (2003[1970]: 27). Segundo o escritor alemão, isto levava a uma posição defensiva, que deveria ser substituída por uma concepção dos meios de comunicação não só como meios de consumo, mas também de produção.

Enzensberger crê que a estrutura dos meios de comunicação é igualitária e sugere que a Esquerda liberte o suposto potencial emancipador inerente às mídias, pois a “Indústria da Consciência”, como autor define os veículos de comunicação, estaria então a serviço apenas dos interesses capitalistas. A solução para o escritor alemão seria, em sintonia com as propostas de Bertold Brecht, transformar as mídias, então reduzidas a meios de distribuição e consumo, em meios de comunicação e também meios de produção socialista, uma vez nas mãos das massas. Assim, o autor contrapõe dois modelos de comunicação, um que usaria a mídia para fins repressivos e o outro, como uma estratégia socialista que visa à emancipação.

Enzensberger acredita que as mídias poderiam ser utilizadas para a emancipação ao apostar em um programa descentralizado, capaz de fomentar a interação dos

³ Grifo no original.



participantes do processo de comunicação, em que cada receptor se tornasse um emissor em potencial; em um movimento de mobilização das massas capaz também de gerar processos de aprendizagem política, assentado em iniciativas de produção coletiva de mídia, organizadas em auto-gestão (Enzenberger, 2003[1970]: 67).

Para Enzensberger, o maior potencial das mídias não está em informar, mas sim em mobilizar (2003 [1970]): 16). No entanto, esta mobilização só seria possível a partir da tomada dos meios de produção midiáticas pelas massas. Assim como no modelo de contra-informação, a ênfase aqui estaria na possibilidade de assumir o papel de emissor, para daí utilizar as mídias com fins políticos, sejam eles contestatórios ou prefigurativos. Elencamos, a partir de agora, alguns argumentos que acreditamos contribuirão para entendermos uma gama de práticas contemporâneas de mídia alternativa que têm buscado outros modelos, que não os baseados puramente na tomada do papel de emissor ou na contra-informação.

E se ninguém estiver prestando atenção?

O ponto de partida para nossas reflexões sobre a comunicação guerrilha foi uma constatação trivial a partir das nossas próprias ações políticas: informação e educação política são completamente inúteis se ninguém estiver interessado. Depois de anos distribuindo cartazes e panfletos sobre todos os tipos de desgraças, de organizar encontros informativos e publicar textos, começamos a questionar a crença comum radical da força e da glória da informação. (Luther Blissett, 2003 [1997]: 86)⁴

O trecho acima, retirado de um dos diversos textos do grupo italiano Luther Blissett – que ficou famoso durante a década de 1990 por conseguir infiltrar sistematicamente notícias falsas na imprensa italiana com a intenção de deslegitimar o poder do jornalismo de registrar a verdade – talvez demonstre uma exagerada descrença na capacidade da contra-informação, uma posição que é atenuada em diversos outros grupos que buscam formas alternativas de se apropriar dos meios de comunicação para fins políticos que não trabalham essencialmente com este modelo (é ainda interessante notar que um dos mais bem-sucedidos projetos de mídia alternativa contemporâneos é o Centro de Mídia Independente, que trabalha justamente na gestão coletiva de informação, com a intenção de dar outras versões aos fatos relatados na imprensa

⁴ Tradução livre de “The starting point for our reflections around guerrilla communication was a trivial insight from our own politics: information and political education are completely useless if nobody is interested. After years of distributing leaflets and brochures about all kinds of disgraces, of organizing informative talks and publishing texts, we have come to question the common radical belief in the strength and glory of information”



convencional, o que atesta que a mídia alternativa baseada no modelo de contra-informação está mais viva do nunca).

Porém, a citação de Luther Blissett revela que este modelo nem sempre parece frutífero ou é capaz de lidar com os obstáculos que são postos frente aos ativistas de mídia. No nível conceitual, encontramos consonâncias com as declarações e propostas do grupo italiano no controverso trabalho Jean Baudrillard. Ferrenho opositor das idéias de Hans Magnus Enzensberger, o autor francês dedica um capítulo inteiro de um de seus livros para atacar as propostas do pensador alemão. O principal argumento que sustenta sua crítica é o de que a simples tomada de poder dos meios de comunicação pelo público não mudaria o caráter inerentemente não dialógico dos meios de comunicação. De acordo com Baudrillard, que se apóia em Macluhan, a ideologia dos meios de comunicação não está simplesmente no que é dito, ou seja, na mensagem, mas principalmente na forma. Pois “o que caracteriza os *media* é que eles são antemediadores, intransitivos, fabricam não-comunicação” (Baudrillard, 1972: 173).

Para o autor, portanto, o uso político dos meios de comunicação só poderia dar resultados caso as ações perpetradas visassem restituir a capacidade de diálogo por meio da mídia, o que Baudrillard exemplifica com as pichações nos muros de Paris nos levantes estudantis de Maio de 68 (Baudrillard, 1972: 190). A determinação tecnológica que fundamenta o argumento de Baudrillard está aberta a questionamentos, além do mais, estudos de caso concretos como os de Downing (2002) demonstram que ambas as alternativas (a aposta na contra-informação ou a experimentação com as formas comunicacionais) podem ser frutíferas para a contestação sociocultural.

No entanto, outra noção do pensador francês pode ser útil para tentarmos entender os motivos pelos quais alguns ativistas de mídia estão buscando outras formas de manifestação nos meios de comunicação, diferentes daquele centrado essencialmente na informação. Segundo Baudrillard (1991 [1981]), o crescimento desmedido da proliferação de signos produzidos pelos meios de comunicação acarretaria em um excesso de informação que se traduz em uma crescente escassez de sentido. Se, pelo menos desde Simmel (1967), fala-se na pesada diversidade de estímulos e informações a que estaríamos submersos no cotidiano, essa questão se tornou ainda mais acirrada com o surgimento da Internet. O excesso de informação a que somos oferecidos pode estar fazendo com que a busca das mídias alternativas por “quebrar o silêncio” se transforme em uma tentativa de angariar a atenção das pessoas no meio de tanto “barulho”.



Isto se torna ainda mais evidente se levarmos em consideração as constatações de autores como Debord (1997 [1967]) de que estamos vivendo em uma sociedade cada vez mais espetacularizada. Membro do grupo artístico e político francês Internacional Situacionista, célebre por suas experimentações limítrofes entre arte e mídia no cenário pós-guerra europeu, Guy Debord aponta para o fato de que estaríamos vivendo em uma etapa do capitalismo em que a lógica da mercadorização teria colonizado todos os âmbitos da vida social. Para o autor, o espetáculo seria tanto um momento histórico quanto um modelo de vida, que se caracterizariam na realização total do fetichismo da mercadoria, na separação generalizada do ser humano com sua realidade vivida e no engendramento de uma visão de mundo objetivada.

Se para Debord, porém, a sociedade regida pelo espetáculo seria o triunfo da razão mercantil e a mídia, uma manifestação importante, mas epidérmica dos tempos espetaculares (Freire Filho, 2005), autores como Kellner (2005) descrevem mais especificamente como os meios de comunicação, sob a bandeira do entretenimento, exacerbam e irradiam o espetáculo para as mais diferentes áreas da vida social⁵, do esporte aos nossos hábitos alimentares, da moda à “guerra contra o terrorismo” praticado pelos americanos, sem poupar a política, cada vez mais resumida à vida pessoal de seus agentes. O resultado da disseminação do espetáculo na sociedade, como afirma Debord, resultaria na redução do ser humano ao papel de mero espectador, incapaz de tomar as rédeas da própria vida.

Assim, forma-se um cenário no qual a informação torna-se sinônimo de mercadoria, e sua superprodução esvazia-lhe de sentido, pois sua função principal é o consumo. Neste quadro pode-se entender melhor a afirmação supracitada do grupo italiano Luther Blissett, assim como algumas práticas de ativismo de mídia nacional que optam por estratégias de ação política através da comunicação que não se baseiam simplesmente na informação. Aqui, surgem, pelo menos, duas possibilidades: a de adentrar na “economia da atenção” e buscar utilizar de artifícios midiáticos similares ao do espetáculo para atrair olhares a questões sociais e políticas que não estariam normalmente na pauta dos veículos de comunicação comerciais, por exemplo, através do que Assis (2006), chama de “táticas lúdico-midiáticas” – manifestações criativas de mídia ou voltadas para a cobertura midiática que buscam quebrar a “seriedade” como

⁵ Exemplos das ramificações do espetáculo pelos mais diversos campos do cotidiano podem ser encontrados em uma coletânea de artigos de autores brasileiros sobre o tema, organizada por João Freire Filho e Micael Herschmann (2005)



costumeiramente se trata a política; e por outro lado, mais relacionado às práticas de mídia alternativa, buscar criar novos usos para os meios de comunicação, voltados para, como quer Downing em trecho já citado, “pesquisar novas formas de desenvolver uma perspectiva de questionamento do processo hegemônico” (2002: 50).

Não nos cabe, neste momento, uma análise mais aprofundada desta gama de práticas experimentais do ativismo midiático contemporâneo. A título de ilustração, no entanto, faremos uma breve descrição de algumas destas manifestações mais a frente. Antes, porém, tomemos em consideração o surgimento das novas tecnologias de comunicação e informação na formatação destas atividades.

O impacto das novas tecnologias de comunicação na mídia alternativa

Ao discutirmos as possibilidades abertas à mídia alternativa pelas novas tecnologias de comunicação e informação, nos referimos especialmente ao computador pessoal e à Internet, ainda que outros aparelhos, como o celular, tenham também causado impacto no uso dos meios de comunicação para fins políticos, de contestação e questionamento sociocultural. Em um exame inicial, a Internet se mostra um abrigo ideal para veículos de comunicação alternativos que disseminam contra-informação. Dos blogs aos sites hospedados em servidores estrangeiros, o que dificulta o trabalho da censura local, a estrutura do meio faz surgir diversas teorias que apontam a internet como uma nova esfera pública, mais participativa e de difícil contenção pelo poder. Porém, nos interessa aqui também o uso do computador pessoal e da Internet para além da disseminação de contra-informação. A questão é identificar que potencialidades de experimentação estas novas mídias trazem para as práticas alternativas e contestatórias por meio dos veículos de comunicação.

A jornalista Naomi Klein (2002) chama atenção ao fato de que o computador pessoal e seus periféricos, como *scanners* e impressoras, além de *softwares*, por exemplo, de programas de editoração como o *photoshop*, diminuíram o hiato entre a produção comercial de mídia e àqueles que buscam outras formas de uso pra os meios de comunicação. Esta facilitação do acesso às técnicas midiáticas, somada a instrumentalização das tecnologias, por um lado possibilita que a mídia alternativa se liberte de um estigma de amadorismo, enquanto por outro lado, permite que as atividades alternativas localizadas nos meios de comunicação experimentem e potencializem outras formas de ação e de questionamento da mídia hegemônica. As



declarações de Klein (2002), por exemplo, são feitas em uma análise de práticas de intervenção de outdoors e de manipulação outras de imagens publicitárias, que pretendem deslegitimar o discurso da publicidade e desnudar suas formas de persuasão, tornando-as, assim, inócuas.

Já o pesquisador australiano Graham Meikle (2002) preocupa-se mais especificamente com o uso político da Internet. Para o autor, além do espaço virtual ser um lugar para vozes dissidentes questionarem quem deve ter acesso à esfera pública e quais temas devem estar em pauta, uma das principais contribuições da Internet para as manifestações de crítica à sociedade atual é a sua capacidade de interatividade e de socializar do conhecimento. Por interatividade, Meikle (2002) entende a criação conjunta, em que as audiências se tornam participantes do processo de criação do conteúdo da mídia. O destaque aqui são as ferramentas que possibilitam as chamadas “publicações abertas”, em que a distinção entre emissores e receptores se atenua por meio da gestão coletiva de informação. As publicações abertas podem ser encontradas tanto em atividades como o Centro de Mídia Independente, uma rede internacional de produtores e produtoras do que se pretende informação livre e independente de interesses empresariais ou governamentais e que se articula principalmente *online*, até o Wikipedia, uma enciclopédia erguida de forma colaborativa e sem fins lucrativos. Na maioria dos casos, as publicações abertas levam adiante também uma nova noção de propriedade intelectual, uma vez que o conteúdo produzido é livre, isto é, não são cobrados direitos autorais. Este deslocamento marca ainda o desbravar de um novo terreno de batalhas e abertura de possibilidades.

Para Meikle (2002), ainda que a progressiva comercialização da Internet tenha marcado um arrefecimento do entusiasmo pela rede enquanto instrumento de questionamento político e sociocultural, em suas raízes, a Internet possuía um ímpeto de compartilhar, de buscar mudanças, demandar abertura e fomentar o debate ao abrir vias alternativas para o fluxo de informação. Segundo o autor, esta capacidade de crítica está hoje limitada a enclaves de ativistas de mídia na Internet, que levam adiante diferentes lutas, como a do *software* livre e o das mudanças nas concepções de propriedade intelectual, buscando não só utilizar a Internet como espaço público para veicular seus posicionamentos, mas também a troca de experiências e construção colaborativa de conhecimento, a mobilização e a experimentação de novas formas de se utilizar as novas tecnologias.



Ainda outro ponto a se levantar sobre o impacto das novas tecnologias de comunicação e informação nas práticas de mídia alternativa seria o crescimento da organização destas atividades em rede. A emergência das redes como forma de organização social é caracterizada por Arquilla e Ronfeldt (2001) como o surgimento da “próxima grande forma de organização”, capaz de por si própria “redefinir as sociedades e, desta forma, a natureza do conflito e da cooperação” (Arquilla e Ronfeldt, 2001). Segundo Henrique Antoun (2006), a maior contribuição da organização em rede para os grupos de ativismo midiático seria

a facilidade de construir redes de parcerias para resolver os problemas de partilha e de disputa. O ativista abandona a mediação das instituições para a realização de suas ações, na mesma medida em que encontra facilidade de construir, com as interfaces, redes de ação direta para reunir possíveis colaboradores capazes de amparar sua ação. (Antoun, 2006: 13)

Ou seja, a capacidade de facilitar a cooperação, de distribuir conhecimento e de fazer circular informação. O que demonstra que as novas mídias são ainda alvo de um discurso que vê nelas um potencial revolucionário, e que se insere em uma visão em que a comunicação é entendida de forma mais complexa, como produtora de sentidos intelectivos e sensíveis, libertada de seu aprisionamento funcional ao campo dos significados, sem ser resumida como mero aparato tecnológico, instrumento, ou localizada na super-estrutura, para ser entendida no ato de mediação, com interesses e regimes gramaticais próprios, que garantem a possibilidade de influir nos campos de força de maneira concreta (Rubim, 2000).

Assim, Antoun (2001), pensando o impacto da Internet enquanto meio para o então “novo ativismo” que surgia com os Dias de Ação Global, o surgimento da rede Indymedia – conhecida no Brasil por Centro de Mídia Independente - e o ativismo hacker – e do qual o desenvolvimento do ativismo midiático que tratamos aqui é paralelo – visualiza “o casamento da política de ação direta do novo ativismo com a potência interativa descentralizadora e anárquica dos sistemas hipermídia” (Antoun, 2001: 136) como um deslocamento incisivo, capaz de dar novos sentidos para a democracia e para a própria resistência. Para Antoun, o então “novo ativismo”, apoiando-se na comunicação mediada por computador (CMC), faz do novo meio, a Internet, uma maneira de expressar novas formas de viver, e mais do que isso, uma verdadeira mídia para viver, lugar de afeto e atividade.



Este novo ativismo (...) fez da comunicação mediada por computador (CMC) seus sentidos cognitivos e sua mente. Ele integrou nela seu olho, suas imagens, seu ouvido, suas sonoridades, sua boca, suas falas, sua pele, seus contatos até construir este corpo comunitário apto a viver no ciberespaço, programando os softwares da CMC como novos instrumentos para o pensamento e a ação. Com isto igualou o meio à mensagem através da prática da ação direta, fazendo da CMC um lugar de percepção afeto e atividade para as novas comunidades. (Antoun, 2001: 138).

Desta forma, Antoun sugere inclusive uma mudança na própria prática de resistência, que se desloca da simples militância.

Resistir tornou-se também inventar os movimentos através dos quais os modos autônomos de viver e governar a própria vida possam ser, ao mesmo tempo, as formas de lutar e se manifestar publicamente. Vida, comunidade e luta política tornam-se um só e mesmo movimento (Antoun, 2001: 139).

Mais importante do que especular se a internet seria poderosa o bastante para transformar o próprio sentido da resistência, nos interessa aqui levantar a possibilidade de que ela intensifica uma forma tanto de entendimento quanto de apropriação da mídia e desta maneira, possibilita a experimentação de outros usos, alternativos e politicamente engajados, dos meios de comunicação. Partimos agora para uma breve amostragem das práticas de mídia alternativa que buscam cultivar modelos de ação que ultrapassam a disseminação de contra-informação.

Breve amostra de manifestações de mídia alternativa contemporânea

A intenção deste artigo é refletir sobre elementos da contemporaneidade que abrem espaço para outras formas de questionamento das relações de poder vigentes por meio da mídia, que não aqueles que se baseiam principalmente no modelo da contra-informação. Buscamos aqui levantar a hipótese de que o excesso de informação e a espetacularização progressiva da sociedade, o surgimento da Internet e a utilização dos veículos de comunicação não só como meios de distribuição de informação, mas também como lugar de troca de experiência, conhecimento e afeto, marcam uma possível intensificação de práticas de mídia experimentais que Downing (2002) também enxerga no contínuo histórico de mídia radical alternativa. O que se pretende agora,



devido a restrições de espaço, é apenas uma breve descrição de alguns grupos e manifestações que exploram estas possibilidades de experimentação. Os exemplos foram escolhidos visando explicitar a multiplicidade de práticas que têm como ponto de partida, os meios de comunicação; como objetivo, desestruturar as relações de poder vigentes; e como *modus operandi*, modelos diferentes daquele já sedimentado pela mídia alternativa na acepção tradicional, que dá ênfase à contra-informação.

Sob o mote “diversidade, autonomia e diversão”, o grupo Mídia Tática Brasil se define como

“um circuito independente de trabalho e diversão que se conecta em espaços de pesquisa e ações comuns. As áreas interseccionais de atuação são arte, mídia, comunicação e tecnologia. Seus projetos são independentes entre si, assim como seus autor@s. Todos os trabalhos são copyleft ou registrados sob licenças abertas.”⁶

Organizado por meio do site mediatatica.org, criado em 2002, o grupo se espalha por diferentes cidades do país como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Campinas e Curitiba. O Mídia Tática Brasil surgiu da adoção do conceito de “mídia tática” - concepção que pretende impulsionar ações midiáticas que visam ressignificar os meios de comunicação para além de sua utilização comercial (Garcia e Lovink, 2003 [1997]) - por ativistas e artistas de mídia brasileiros. Entre os projetos atuais e já concluídos por aqueles que usam do site mediatatica.org, existem ações voltadas exclusivamente para as novas tecnologias de comunicação, como o GnuDnberg e o Slack, que giram em torno da criação e de ferramentas e softwares para a manutenção de sistemas operacionais de código aberto como o Linux; assim como a organização de encontros e a manutenção de espaços físicos para a prática e pesquisa de mídia tática, como o Mídia Tática Brasil, o FindeTático e o IP:// (interferência pública), uma sala localizada no bairro da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro, que abriga desde de grupos de intervenção urbana, passando pelo CMI do Rio de Janeiro até outras manifestações de ativismo de mídia.

Interessa-nos, porém, principalmente as manifestações do grupo Mídia Tática Brasil que pretendem articular o uso da mídia às questões sociais, como o g2g, um grupo de experimentação em gênero, comunicação e tecnologia, que se pretende um espaço de encontro para troca de experiências, informações e conhecimentos sobre questões femininas, que se articula inicialmente através de uma lista de discussões restrita às mulheres e em encontros virtuais em chats do canal IRC (Internet Relay

⁶ www.mediatatica.org (acesso em 10/04/2007)



Chat). Já o MimoSa é um projeto definido como uma “máquina de intervenção urbana e correção informacional”⁷, que envolve a criação de oficinas de mídia, mobilização e arte digital e a montagem de estúdios de produção temporários para aprendizado e convivência, que buscam a criação de uma mídia móvel, a MimoSa. Ou seja, são usados computadores antigos, aparelhos celulares, motores de utensílios domésticos, carrinhos de feira, cadeiras giratórias, pneus e outros materiais mais ou menos reciclados com o intuito de criar uma máquina/mídia capaz de gravar depoimentos de pessoas e produzir intervenções urbanas para a gravação dessas histórias. Estas oficinas são feitas por diversos grupos espalhados por diferentes cidades brasileiras, criando assim diferentes versões da MimoSa⁸. Entre as cidades em que o projeto já se desenvolve ou ainda será desenvolvido estão Porto Alegre, Curitiba, Cachoeira, Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Aracaju, Praia do Pipa e Belém.

No “curto circuito integrado” do mediatatica.org estão ainda projetos como o ContraTV⁹, um site dedicado a experimentar com narrativas “contra a tv”, usando do humor como ferramenta crítica. No endereço eletrônico do projeto podem ser encontrados manuais do tipo “Como fazer programas contraTV?” e “Libertando o seu computador. Instalando LINUX em seu MAC”. O site ainda é aberto ao envio de material como textos, imagens e vídeos na expectativa de fomentar o público a fazer da mídia também seu veículo de expressão.

Ainda no terreno audiovisual, o grupo Media Sana - um coletivo de artistas multimídia sediado em Recife, Pernambuco - se propõe a re-utilizar imagens, manchetes de jornal, textos informativos e depoimentos proferidos nos canais de televisão, que são re-trabalhadas em forma de músicas dentro de um novo contexto ligado às questões de cidadania em apresentações ao vivo em festas, praças públicas, festivais e congressos. Segundo o coletivo, por meio de seu site¹⁰, “além de propiciar diversão o Media Sana objetiva sensibilizar o público espectador para questões ligadas ao exercício da cidadania, oferecer-se como canal de expressão da opinião pública e sugerir pautas sociais para os veículos da grande mídia”.

Outras ações ainda deveriam ser elencadas. Das rádios livres às atividades voltadas para a instauração de novos paradigmas para a propriedade intelectual, de

⁷ http://www.turbulence.org/Works/mimoSa/mimoSa_port

⁸ No endereço eletrônico < <http://turbulence.org/Works/mimoSa/index2.html> > estão disponíveis weblogs que detalham em que estágio de desenvolvimento está o mimoSa nas diferentes cidades em que as oficinas estão sendo, serão ou já foram organizadas.

⁹ <http://www.contratv.net>

¹⁰ <http://www.mediasana.org/>



grupos de intervenção urbana que focam suas ações em alterações de anúncios publicitários no espaço público até iniciativas que visam a reapropriação tecnológica por meio da criação de telecentros e oficinas de “inclusão digital crítica”. Algumas destas atividades inclusive não atuam no nível simbólico, mas sim visando principalmente o acesso aos meios de comunicação e a criação de redes de troca de experiência e conhecimento.

Considerações finais

Quanto mais os meios de comunicação e a cultura midiática se tornam centrais na vida social, mais importantes se tornam as práticas que buscam questionar as relações de poder vigentes através da mídia. Como Downing (2002) demonstra, as práticas de mídia alternativa são experimentais por natureza e as atividades que assumem modelos diferentes daquele baseado na contra-informação estão cimentadas na história da mídia alternativa. Ao levantarmos a hipótese de que certas configurações da contemporaneidade abrem possibilidades para ações que extrapolam o âmbito da informação, não queremos com isto afirmar que estas práticas se colocam como um fenômeno inédito ou como um novo paradigma para as atividades alternativas na mídia, mas chamar atenção para uma intensificação das experimentações no ambiente midiático que contribuem de diferentes formas na oposição à mídia hegemônica, não só naquilo que ela obscurece ou distorce, mas na própria concepção de mídia que ela irradia.

Referências

ANTOUN, Henrique. “Jornalismo e Ativismo na Hipermissão”. In: *Revista da FAMECOS*, nº. 16, pp. 135-147. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____. “Mobilidade e Governabilidade nas Redes Interativas da Comunicação Distribuída”. In: V Bienal Iberoamericana de la Comunicación. *Razón y Palabra*. 49 (2). 2006.

ARQUILLA, John e RONFELDT, David. *Networks and Netwars: the future of terror, crime and militancy*. RAND: 2001. Disponível em <http://www.rand.org/publications/MR/MR1382/> (acesso em 20/7/2004).

ASSIS, Érico Gonçalves de. *Táticas lúdico-midiáticas no ativismo político contemporâneo*. São Leopoldo, janeiro de 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) – Unisinos, São Leopoldo, 2006.



BAUDRILLARD, Jean. “Requiem pelos ‘media’”. In: *Para uma crítica da economia política do signo*, pp. 167-189. Lisboa: Edições 70, 1972.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio D’água, 1991 [1981].

BLISSETT, Luther. “What about Communication Guerrilla”. In: RICHARDSON, Joanne (org.). *Anarchitexts: voices from the global digital resistance*, pp.86-92. New York: Autonomedia, 2003 [1997].

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997 [1967].

DOWNING, John D. H. *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2002.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. Elementos para uma teoria dos meios de comunicação. São Paulo: Conrad, 2003 [1970].

FADUL, Anamaria. “Hegemonia e contra-informação: por uma nova práxis da comunicação”. In: SILVA, Carlos Eduardo Lins (org.). *Comunicação, hegemonia e contra-informação*, pp. 25-39. São Paulo: Cortez Intercom, 1982.

FLUSSER, Victor. “A contra-informação como ato cultural”. In: SILVA, Carlos Eduardo Lins (org.). *Comunicação, hegemonia e contra-informação*, pp. 159-164. São Paulo: Cortez Intercom, 1982.

FREIRE FILHO, João. Usos (e abusos) do conceito de *espetáculo* na teoria social e na crítica cultural. In: FREIRE FILHO, João e HERSCHMANN, Micael (orgs.). *Comunicação, cultura e consumo: a (des)construção do espetáculo contemporâneo*, pp. 13-44. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.

FREIRE FILHO, João e HERSCHMANN, Micael (orgs.). *Comunicação, cultura e consumo: a (des)construção do espetáculo contemporâneo*. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.

GARCIA, David e LOVINK, Geert. “The ABC of Tactical Media”. In: RICHARDSON, Joanne (org.). *Anarchitexts: voices from the global digital resistance*. p. 107-111. New York: Autonomedia, 2003 [1997].

KELLNER, Douglas. “Media culture and the triumph of the spectacle”. In: KING, Geoff (ed.). *The spectacle of the real: from Hollywood to reality TV and beyond*, p. 23-36. Bristol: Intellect Press, 2005.

MEIKLE, Graham. *Future Active: Media Activism & the Internet*. Londres: Routledge, 2002.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Comunicação e política*. São Paulo: Hacker, 2001.

SILVA, Carlos Eduardo Lins (org.). *Comunicação, hegemonia e contra-informação*. São Paulo: Cortez Intercom, 1982.

SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental”. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967.